

ATUAÇÃO DE DIFERENTES PROFISSIONAIS EM BRINQUEDOTECAS HOSPITALARES: CARACTERÍSTICAS E FUNÇÕES

Recebido em: 18/09/2014

Aceito em: 10/05/2015

*Lucas Tagliari da Silva*¹
*Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula*²
Universidade Estadual do Maringá
Maringá – PR – Brasil

RESUMO: O objetivo deste estudo é realizar uma revisão de literatura sobre os diferentes profissionais e suas características no trabalho com brinquedotecas com crianças e adolescentes hospitalizados. A metodologia desse trabalho foi a análise de produções acadêmicas que tratavam dos diferentes profissionais que atuavam em brinquedotecas hospitalares. Nos artigos analisados foi possível observar que existem diferentes profissionais atuando nas brinquedotecas hospitalares tais como: profissionais de Educação Física, Psicologia, Terapia-Ocupacional e Pedagogia. Como resultado, surgiu então à necessidade de refletir sobre as contribuições que cada área possui para estruturação das brinquedotecas, bem como a compreensão das atividades propostas e seus objetivos no trato com crianças e adolescentes em situação de internação nas brinquedotecas hospitalares.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de Lazer. Jogos e Brinquedos. Educação Física e Treinamento. Hospital.

THE PERFORMANCE OF DIFFERENT PROFESSIONAL IN PLAYROOMS OF HOSPITALS: ITS CHARACTERISTICS AND FUNCTIONS

ABSTRACT: The aim of this study is to review literature on the various professionals and your characteristics engaged in work with children and adolescents hospitalized. The methodology of this study was the analysis of academic productions that addressed the different professionals working opposite the hospital playrooms. In the articles analyzed was observed that there are different various professionals working in hospital playrooms such as: Physical Education, Psychology, Occupational Therapy, and Pedagogy. Then arose as a result of the need to reflect on the contributions that each area has to structure the playroom, as well as understanding of the proposed activities and objectives in dealing with children and adolescents in inpatient in hospital playrooms.

¹Graduando em Educação Física da Universidade Estadual de Maringá.

² Professora Adjunto do Departamento de Teoria e Prática da Educação - Universidade Estadual de Maringá.

KEYWORDS: Leisure Activities. Play and Playthings. Physical Education and training. Hospital.

INTRODUÇÃO

Entendemos que a infância e a juventude são etapas fundamentais para o desenvolvimento do ser humano, pois são nessas fases que as pessoas iniciam a construção de suas relações sociais com os outros indivíduos por meio das brincadeiras nas ruas, das atividades nas escolas e em tantos outros lugares. Esses períodos proporcionam também as crianças e adolescentes vivenciarem atividades que envolvem os seus aspectos físicos, aspectos mentais, e aspectos sociais e cognitivos para resolverem problemas e conflitos do próprio brincar, assim como para compartilharem o lúdico no coletivo em situações prazerosas. Esses aspectos são características marcantes dessas fases.

Entretanto, para brincar e se divertir é preciso que as crianças e adolescentes disponham de saúde para realizarem diferentes atividades. Em muitos momentos, isso não acontece, pois, para algumas crianças e adolescentes, ocorrem percalços em suas vidas que alteram as suas rotinas como: doenças ou acidentes que os obrigam a serem internados. Desta maneira, as brincadeiras e atividades da infância e juventude como o brincar, a ação de ir à escola, se relacionar com diferentes amigos e atividades de entretenimento, nesses momentos sofrem alterações. A hospitalização limita, em muitas vezes, as crianças e os adolescentes vivenciarem a infância e a juventude de forma plena. Portanto, acreditamos que se faz necessário pensar em como não romper a rotina da vida social, lúdica e escolar dessas pessoas para que, durante e após seu processo de hospitalização, eles possam dar continuidade as suas vidas normalmente. Sendo assim, é preciso que eles tenham um suporte educacional e lúdico nesses períodos.

Ao tratarmos da estruturação da ludicidade voltada para o ambiente hospitalar, precisamos compreender primeiramente o que este universo traz consigo, e a rigidez no que diz respeito às regras para aqueles que estão internados. É necessário discutir a forma como as crianças e adolescentes são tratados nos atendimentos dedicados a elas nos hospitais. Para muitas crianças, o fato de estarem internados, causa repulsa, ansiedade e medo.

O hospital nos remete a doença, apreensão e estranhamento, pois as crianças e adolescentes são de certa forma, obrigados a conviverem com muitas doses de remédios marcados com horários rígidos. Atualmente, muitas crianças e adolescentes enfermos também ficam ligadas às máquinas que monitoram a dosagem dos medicamentos. Quando os remédios terminam, as máquinas que estão atreladas a essas pessoas apitam e eles ficam esperando as enfermeiras inserirem novos medicamentos ou soro. Esses sons também auxiliam as enfermeiras a controlarem os medicamentos que já existem. Estas situações, em muitos casos acabam gerando grande desconforto, pois eles não estão acostumados a conviverem com essas cenas e sons em seu cotidiano.

De acordo com Angelo e Vieira (2010) a hospitalização traz consigo transtornos em todas as fases da vida, sendo potencialmente traumática na infância com prejuízos da saúde mental que permanecem mesmo após a alta hospitalar. Por tudo isso, sempre se deve levar em consideração a cultura na qual a criança e o adolescente estão inseridos.

Para tanto, a atuação dos diferentes profissionais que atuam nos hospitais precisa ser diferenciada. Eles precisam aprender a lidar com esse cotidiano diferenciado que é o do hospital e desenvolverem atividades adaptadas, tanto às necessidades físicas, quanto motoras e aos espaços físicos do hospital que correspondem às necessidades infantis e

juvenis. Diante deste novo campo de atuação, esta pesquisa buscou responder as seguintes questões: quais são os profissionais que atuam junto às crianças e adolescentes hospitalizados nos aspectos lúdicos e quais as características de seus trabalhos?

Existem diferentes profissionais que atuam nas brinquedotecas nos hospitais como: professores de Educação Física que constroem suas práticas de diferentes maneiras nos hospitais: como professores do Ensino Fundamental e Médio, como mediadores na brinquedoteca, assim como recreadores. Também verificamos que é recorrente a atuação de Psicólogos, Terapeutas-Ocupacionais e Pedagogos que também atuam dentro dos hospitais.

Esta pesquisa surgiu a partir de inquietações derivadas da participação como estudante de Educação Física em um Projeto de Extensão de uma Universidade pública do interior do Paraná em uma brinquedoteca hospitalar de um Hospital Universitário da cidade. A justificativa deste estudo ocorreu também através do Projeto de Iniciação Científica que visou investigar as brinquedotecas no contexto das Universidades. Este projeto era coordenado por professoras de Pedagogia. Neste projeto, observávamos algumas situações que precisam ser mais exploradas na Educação e Educação Física. Observávamos que existiam poucos professores de Educação Física atuando nos hospitais e que o trabalho nas brinquedotecas precisava ser diferenciado. Entendemos que o professor de Educação Física precisa ter uma compreensão diferenciada do corpo da criança, seus limites e possibilidades.

Esse estudo, portanto, teve por finalidade realizar uma revisão literatura sobre os diferentes profissionais e suas características no tocante a atuação nas brinquedotecas hospitalares. Este trabalho analisou os estudos que discutem as necessidades físicas,

emocionais, cognitivas, sociais e lúdicas das crianças e adolescentes hospitalizados e as contribuições das atividades proporcionadas por diferentes profissionais.

METODOLOGIA

Essa pesquisa é qualitativa e está fundamentada na revisão de literatura. Segundo Silva e Menezes (2005) a revisão de literatura deve abordar o que já se sabe sobre o tema e quais são as lacunas existentes entre os principais entraves teóricos.

Os procedimentos metodológicos desse trabalho foram à análise de 12 (doze) produções acadêmicas sobre diferentes conceitos e profissionais que atuam nas brinquedotecas hospitalares. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave para a seleção dos artigos: Brinquedoteca Hospitalar, Brinquedoteca em hospitais, Educação Física Hospitalar, Recreação Hospitalar, Brinquedoteca Terapêutica.

A pesquisa foi realizada em diferentes bases de dados como: Portal da Capes, *Google Acadêmico*, e periódicos indexados *online* em acesso aberto na *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*.

Foram encontrados 50 (cinquenta) artigos que discutem a temática da atuação de diferentes profissionais nas brinquedotecas hospitalares. O critério de escolha e seleção desses artigos para análise foi à atuação do profissional de Educação Física nessas brinquedotecas.

Os artigos selecionados correspondem ao período de janeiro de 2005 a julho de 2014. Neste período observa-se um aumento da produção acadêmica sobre brinquedotecas hospitalares. A ampliação desses estudos deve-se ao fato da aprovação da Lei 11.104 de 21 de março de 2005 (BRASIL, 2005), que dispõem sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regimento de internação. A seguir apresentaremos a análise dos dados.

ANÁLISE DE DADOS

Neste estudo foi possível verificar que, nas produções acadêmicas sobre os diferentes profissionais que trabalham com o lúdico nos hospitais, encontram-se as seguintes áreas: Psicologia, Terapia- Ocupacional, Educação Física e Pedagogia.

Deparamo-nos em nossa pesquisa com alguns conceitos a serem elucidados, para então compreendermos como se configura as práticas dos diferentes profissionais que atuam junto as crianças e adolescentes hospitalizados, tais como a recreação, sendo que, na recreação, encontramos duas ramificações na atuação: uma denominada de recreação terapêutica e outra denominada recreação hospitalar, encontramos também o conceito de brinquedoteca hospitalar e, outro conceito denominado de Classe Hospitalar.

Para Wuo³ (1996 *apud* Padovan e Schwartz 2009, p. 1027) o conceito de recreação hospitalar é:

A recreação nesse contexto tem a função de estimular a criatividade dos indivíduos, por meio de atividades de caráter espontâneo e prazeroso, amenizando as ressonâncias da doença, tornando-se um elemento privilegiado a ser implementado, uma vez que pode auxiliar a amenizar as ansiedades do desconforto e estranheza da hospitalização.

No que diz respeito à recreação terapêutica temos o conceito utilizado por Casara, Generosi e Sgarbi (2007, p. 1)

A recreação terapêutica constitui-se em um elemento facilitador para a elaboração de ansiedades por parte dos pacientes que se encontram internados ou em tratamento em instituições hospitalares, através do favorecimento de atividades, mediante utilização de exercícios físicos e mentais que possibilitam a promoção de aceitação por parte dos pacientes, da situação muitas vezes de desconforto e estranheza a esse ambiente.

Como podemos perceber nessas descrições dos diferentes conceitos de recreação existem semelhanças e diferenças. O que as diferenciam é que a recreação hospitalar tem seu foco voltado para amenizar as ansiedades das crianças e adolescentes

³ WUO, A. E.; BURNIER, L. O. O clown no hospital. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE PSICOONCOLOGIA, 3. ,1996, São Paulo, *Anais...* São Paulo, 1996. p. 101-106.

nos hospitais e promover atividades lúdicas. Na recreação hospitalar os profissionais que atuam neste contexto estão relacionados a área da Educação, Educação Física e Licenciaturas.

A recreação terapêutica busca amenizar os traumas decorrentes da hospitalização e através da análise, estudos e compreensão das origens desses traumas. Suas semelhanças com a recreação hospitalar estão na utilização de atividades lúdicas de caráter espontâneo e criativo para melhor atender as crianças e adolescentes hospitalizados. Os profissionais que atuam na recreação terapêutica são Psicólogos, Psicopedagogo e Terapeuta – Ocupacionais.

Outro conceito encontrado em nossa revisão de literatura foi o da brinquedoteca hospitalar. De acordo com Angelo e Vieira (2010, p. 85) a brinquedoteca hospitalar:

A brinquedoteca é um espaço onde as crianças e adolescentes aprendem a compartilhar brinquedos, histórias, emoções, alegrias e tristezas sobre a condição de hospitalização, além de desenvolverem aspectos de socialização e cidadania. As atividades lúdicas também auxiliam na compreensão e elaboração da situação de exceção que a criança vive no hospital, diminuindo os aspectos negativos e possibilitando maior inclusão da mesma na instituição.

Para Paula e Foltran (2007, p. 2) as brinquedotecas hospitalares também são espaços de socialização, de novas aprendizagens e reconhecimento dos direitos das crianças ao brincar:

O trabalho de entretenimento das crianças e dos adolescentes hospitalizados demonstra que existem modificações de comportamento nos pacientes que participam de atividades lúdicas, artísticas e recreativas nos hospitais. Deste modo, é possível compreender que brincar é coisa séria, pois na brincadeira há sinceridade, engajamento e doação. É brincando que se desenvolve o equilíbrio e se faz a reciclagem das emoções vividas. Nas brinquedotecas hospitalares, percebe-se a necessidade de reinventar a realidade. Estes espaços, além de tornarem o ambiente hospitalar mais acolhedor, também oportunizam situações de socialização e desenvolvimento das habilidades dos pacientes como: atenção, concentração, afetividade, cognição, dentre outras.

Encontramos em nossa revisão de literatura também o conceito de Classe Hospitalar. Segundo Barros⁴ (2007, *apud.* INVERNIZZI, 2010, p. 35) “A classe hospitalar é uma modalidade de atendimento pedagógico educacional realizado em hospitais, que trabalha com jovens hospitalizados que devido ao afastamento social podem ser excluídos ou sofrerem fracasso escolar”. Já Vaz, Vieira e Gonçalves (2005, p. 73) reforçam o conceito abordado sobre Classe Hospitalar ao afirmar que:

Trata-se da classe hospitalar, espaço que pretende representar a continuidade da escolarização durante o período de internação de crianças e jovens. Ela procura dar mínima continuidade à rotina escolar e facilitar a reinserção quando da alta hospitalar.

De acordo com Ceccim (1999, p. 2) as Classes Hospitalares contribuem para a continuidade da escolarização das crianças não somente no período no qual estão internadas, mas também após a sua alta:

O ensino e o contato da criança hospitalizada com o professor no ambiente hospitalar, através das chamadas classes hospitalares, podem proteger o seu desenvolvimento e contribuir para a sua reintegração à escola após a alta, além de protegerem o seu sucesso nas aprendizagens.

Diante dos conceitos de Brinquedoteca Hospitalar e Classe Hospitalar é possível perceber que, muito embora ambas também concebam suas práticas voltadas ao atendimento de crianças e adolescentes, há uma diferença que as separam, pois a Brinquedoteca Hospitalar tem seu foco voltado para a interação entre os indivíduos que participam da mesma podendo compartilhar experiências, opiniões, brinquedos e até suas alegrias e decepções, para um melhor enfrentamento de sua hospitalização. Já o conceito de Classe Hospitalar, o foco está voltado para não permitir que a criança e o adolescente se desvinculem do seu Ensino Formal. Ou seja, que deem continuidade a escolarização das suas escolas de origem.

⁴BARROS, A. S. S. e. Contribuições da educação profissional em saúde à formação para o trabalho em classes hospitalares. **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 27, n. 73, dez. 2007.

Compreendido os conceitos das práticas concebidas pelos autores, separamos os trabalhos analisados em categorias que nos permitiram compreender mais detalhadamente como se configuram a práxis pedagógica desses profissionais dentro desses espaços de atendimento das crianças e adolescentes hospitalizados. Para uma melhor compreensão dividimos os trabalhos analisados em três categorias.

Na primeira categoria analisamos os artigos da área da Psicologia e Terapia-Ocupacional. Encontramos 4 (quatro) artigos de diferentes universidades. O primeiro artigo de Vasconcelos, Abrão e Gomes (2010) foi um relato de experiência de intervenções feitas por uma equipe formada de dois docentes e dez alunos do 4º e 5º ano do curso de Psicologia. O projeto desenvolvia atividades com carrinho móvel nas enfermarias com brinquedos e instrumentos musicais para crianças de 0 a 12 anos. Os resultados encontrados foram: auxílio na minimização do sofrimento de crianças hospitalizadas e promoção de uma relação mais saudável entre criança, família e equipe hospitalar.

O segundo artigo de Angelo e Vieira (2010) foi uma pesquisa de observação de campo de intervenções feitas por uma terapeuta-ocupacional. As atividades eram realizadas no espaço da Brinquedoteca e eram desenhos, pinturas, recortes, jogos de raciocínio, brincadeiras com carrinhos, bonecas, e diversos tipos de brinquedos. Os resultados encontrados foram: proporcionavam momentos alegria e geravam um esquecimento da situação de internação e fortaleciam os aspectos de cidadania, socialização e interação entre os envolvidos no ambiente, ou seja, as crianças, seus acompanhantes e os profissionais responsáveis eram mediadores do desenvolvimento e do lúdico.

O terceiro artigo de Jurdi e Amiralian (2013) era uma pesquisa-ação de intervenções feitas por uma terapeuta-ocupacional e um Psicólogo. Era realizada uma intervenção com 4 (quatro) grupos de crianças e adolescentes tendo em média 25 (vinte e cinco) em cada grupo, as atividades trabalhadas eram filmes, festas, piqueniques, construção de jogos, brinquedos, teatro e contação de história. Os resultados mostraram que houve melhor compreensão da situação vivida pelas crianças e potencialização da importância do espaço compartilhado, como mediador entre as necessidades e os desejos destas.

O quarto artigo de Oliveira, *et al.* (2009) foi um relato de experiência de intervenções realizadas por uma equipe de psicologia. As intervenções eram feitas utilizando jogos diversos como: peças de encaixe, bonecas, fantoches, carrinhos, móveis, quebra cabeça, dominó, materiais de pintura, massa de modelar, livros de colorir, gibis, aparelho de som e materiais de papelaria. Os resultados encontrados foram: o favorecimento da autonomia e a tomada de decisão, que proporcionavam um controle sobre situações vivenciadas no hospital e a melhora do comportamento através das atividades lúdicas.

De posse dos dados, verificamos que a Psicologia juntamente com a Terapia-ocupacional tem dado grande contribuição no trato com crianças e adolescentes internados principalmente no que se refere ao cuidado da saúde mental e dos aspectos lúdicos. Todos os trabalhos acima realizados permitiram uma interação de quem pesquisou com o ambiente hospitalar e com as crianças e adolescentes. Os trabalhos realizados adotaram diferentes metodologias como: relato de experiências, pesquisa de campo e pesquisa-ação e permitiram uma maior compreensão da realidade hospitalar analisada.

Nas análises feitas diagnosticamos que, na área da Psicologia e Terapia-Ocupacional, existia uma grande preocupação em proporcionar as crianças e adolescentes hospitalizados a minimização do trauma de estar dentro do hospital. Os estudos buscaram permitir que os mesmos pudessem interagir de forma saudável com as outras crianças e adolescentes hospitalizados, bem como com a equipe do hospital. Ou seja, existia uma grande preocupação com os sentimentos desses indivíduos. Nas intervenções feitas nas brinquedotecas, os profissionais da Psicologia e Terapia-Ocupacional utilizavam de brinquedos, desenhos, pinturas, livros e filmes para propiciarem uma maior aproximação de todos os envolvidos, tanto para as crianças, como para os responsáveis, assim como para toda equipe hospitalar.

Nos estudos analisados, também pudemos perceber que as atividades trabalhadas favoreciam as crianças e os adolescentes a autonomia e a tomada de decisão, bem como potencializaram a importância da divisão de espaços, fortalecendo os aspectos de cidadania, socialização e interação entre as crianças, os acompanhantes e profissionais envolvidos. Para Vasconcelos, Abrão e Gomes (2010) a intervenção por meio do brincar possibilita a elaboração de conflitos internos, diminuindo a angústia e os sentimentos negativos decorrentes da situação de hospitalização. As interações com os recursos lúdicos e com os estagiários otimizam o processo de cura e promovem relação mais saudável entre criança, família e equipe hospitalar. Além disso, contribuem para a humanização da instituição hospitalar.

Na segunda categoria analisamos os artigos da área de Educação Física. Encontramos cinco artigos de diferentes universidades. O primeiro artigo de Vaz, *et al.* (2009), foi um relato de experiência de intervenções realizadas sempre em dupla de alunos da Educação Física para dar um maior suporte aos alunos, sempre alternando

quem ministrava a intervenção. As atividades aconteciam num viés mimético, de exploração do imaginário de cada criança e adolescente e momentos de atividades que levavam as crianças a uma reflexão para relacionar a Educação Física com o cotidiano. Os resultados apontaram dificuldades pela falta de vínculo duradouro e espaços insuficientes, o que inviabiliza a ação pedagógica.

O segundo artigo de Invernizzi (2010) era um relato de experiência de intervenções de estágios supervisionados. As atividades desenvolvidas pelos estudantes de Educação Física foram: oficinas de ginástica escolar, formas em geral (concreta e abstrata), festa juninas, jogos e brincadeiras, jogos cooperativos, atividades rítmicas e expressivas. Os resultados obtidos mostraram que existiram dificuldades pelas turmas de crianças e adolescentes serem multisseriadas e terem que ser ministradas aulas diferentes para contemplarem os estágios escolares.

O terceiro artigo de Padovan e Schwartz (2009) foi uma pesquisa de campo exploratória. Foi realizada uma revisão de literatura e uma pesquisa exploratória contendo questionários de perguntas abertas. Os resultados evidenciaram a importância do professor de Educação Física bem como da recreação hospitalar neste ambiente hospitalar.

O quarto artigo de Casara, Generosi e Sgarbi (2007) foi uma pesquisa de campo – qualitativo-descritiva. A atividade foi a aplicação de questionário para especificamente médicos de três hospitais diferentes para saberem suas concepções sobre o trabalho dos profissionais de Educação Física. Os resultados evidenciaram que atualmente a recreação terapêutica também visa atingir um público adulto para auxiliar em sua recuperação.

O quinto artigo de Pichetti, Santini e Trentin (2011) foi uma pesquisa de campo. A atividade realizada foi a aplicação de questionário para acadêmicos de Psicologia, Enfermagem, Educação Física, Nutrição, Medicina e Fisioterapia. Os resultados apontaram que a recreação terapêutica é uma atividade lúdica e que tem por objetivos divertir, distrair descontraír e amenizar traumas da hospitalização.

Os 5 (cinco) artigos encontrados no campo da Educação Física nos trouxeram novos conceitos em relação à atuação desses profissionais com crianças e adolescentes hospitalizados. Percebemos que o foco de atuação dos profissionais de Educação Física estava voltado para os aspectos motores e cognitivos dos mesmos. Os autores exploravam isso nas atividades, brinquedos e brincadeiras. Estes aspectos eram diferentes da Psicologia e Terapia-Ocupacional que priorizavam as análises dos sentimentos. Pudemos perceber que os profissionais de Educação Física atuavam em várias frentes também como a recreação terapêutica, recreação hospitalar e Classe Hospitalar e em muitos momentos de suas atuações. O foco se tornava a minimização dos traumas decorrentes da internação, como ocorreu na recreação terapêutica.

Conseguimos perceber que os profissionais de Educação Física precisavam compreender como a corporeidade estava inserida no contexto contemporâneo, bem como se adaptar aos espaços físicos do hospital para sistematizar suas práticas pedagógicas, visto que esses espaços em sua maioria eram escassos e inviabilizavam determinadas práticas pedagógicas para a Educação Física. As atividades realizadas nos estudos analisados evidenciaram que as conclusões e apontamentos feitos pela área da Educação foram pautadas em intervenções junto às crianças e os adolescentes, caracterizando esses estudos de grande relevância para a área que necessita de subsídios

para aprofundamento teórico e práticos no trato com crianças e adolescentes hospitalizados.

O que verificamos é que os estudos e as intervenções permitiram não apenas as crianças, mas também a todos os envolvidos uma maior reflexão nas atividades realizadas, e compreensão da situação de hospitalização, demonstrando assim que a Educação Física e as demais áreas têm muito a contribuir no trato com crianças e adolescentes hospitalizados.

De acordo com Padovan e Schwartz (2009) a Educação Física é uma área de conhecimento e intervenção profissional-pedagógica que lida com a cultura corporal de movimento, objetivando a melhoria qualitativa das práticas constitutivas daquela cultura, mediante referenciais científicos, filosóficos, pedagógicos e estéticos. Entretanto a inserção da Educação Física em equipes de intervenção com crianças e adolescentes hospitalizados ainda é um preconceito a ser rompido. Para Padovan e Schwartz (2009) a superação de preconceitos relativos à inserção do profissional da área de Educação Física em equipes multidisciplinares da área da saúde ainda é um desafio.

Na terceira categoria analisamos os artigos da área de Pedagogia. Encontramos três artigos de diferentes universidades. O primeiro artigo de Paula (2007) foi um relato de experiência de práticas e intervenções de uma pedagoga, retratava as aprendizagens das práticas realizadas nas intervenções da própria autora. Os resultados apontaram que a educação no hospital é um ato político, pois o cuidado com o outro reflete o cuidado com a nossa história, com a humanidade.

Esse trabalho discute o processo de formação de acadêmicos de Pedagogia, História, Letras e Artes para a atuação em brinquedotecas hospitalares. A autora, baseada na perspectiva da Pedagogia Emancipatória de Paulo Freire apresenta diferentes

categorias para a formação desses estudantes. O artigo demonstra que o Projeto de Extensão no ambiente hospitalar proporcionou aos acadêmicos a oportunidade da convivência com diferentes classes sociais e do conhecimento das dificuldades das pessoas de classes populares que necessitam de internação. Outra categoria apresentada pela autora foi o papel da brinquedoteca como espaço de manifestações das possibilidades das crianças e adolescentes hospitalizados. Este local também era considerado espaço de convivência coletiva entre crianças, familiares, estudantes e professores. Também foram apresentadas reflexões sobre a importância das atividades lúdicas com crianças em situação de vulnerabilidade social e as aprendizagens geradas na brinquedoteca.

O segundo artigo de Paula; *et al.*, (2007) foi um relato de experiência de professoras e estagiárias da brinquedoteca e retratava as experiências que foram construídas em uma brinquedoteca de um hospital filantrópico do interior do Paraná. Com isso, as autoras perceberam que era necessário que os projetos que trabalham com as crianças reflitam a realidade da criança e seu atendimento e não meros projetos ativistas. Neste artigo as autoras fazem uma distinção entre brinquedotecas e escolas nos hospitais como espaços distintos e complementares:

No que se refere às brinquedotecas, elas promovem as interações entre as crianças e os adolescentes, possibilitam momentos de lazer, socialização com parceiros de idades variadas, resgate da auto-estima, da alegria e da vontade de viver. Como atividade terapêutica, também possibilita mostrar às crianças, aos adolescentes, seus pais, funcionários e ao corpo médico, descobrirem a importância da ludicidade no ambiente hospitalar. Quanto as aprendizagens geradas, promovem: a realização e descoberta de diferentes atividades e brincadeiras, relacionamento das crianças com brinquedos diversos (dos mais artesanais até os industrializados), partilha de brinquedos, troca de conhecimentos, desenvolvimento de hábitos de cooperação e responsabilidade sobre os brinquedos. As escolas nos hospitais, quando utilizam dos brinquedos em suas atividades, também apresentam todas essas características. Todavia, seus objetivos são um pouco diferentes. O trabalho das escolas é de dar continuidade a escolarização das crianças e adolescentes hospitalizados para que não perdem o ano

letivo e terem assegurado o seu direito à educação (PAULA; *et al.*, 2007, p. 3059).

O terceiro artigo de Becaro, Dellalibera-Joviliano (2011) foi uma revisão bibliográfica por meio de levantamento de dados em artigos, revistas, livros e teses sobre atividades recreativas nos hospitais. Eles diagnosticaram a necessidade de elaboração de atividades pedagógicas para complementação da inserção da recreação infantil-hospitalar, como por exemplo, conhecimento de corpo e lateralidade.

Em nosso estudo de revisão de literatura realizado conseguimos perceber que é necessário se reinventar pedagogicamente, para proporcionar à criança e o adolescente um estímulo à aprendizagem de forma recreativa contribuindo para a prevenção ou minimização dos problemas decorrentes da hospitalização, pois muitos momentos o espaço físico de trabalho com as crianças e adolescentes dentro do hospital é limitado.

Os relatos de experiência nos levaram refletir sobre a atuação dentro dos hospitais por meio das brinquedotecas. Nesses estudos pudemos perceber que é primordial que se tenha um espaço físico minimamente estruturado e reservado para a atuação, assim como, materiais em boas condições para o manuseio das crianças como dos profissionais que interagem com as mesmas e, fundamentalmente, formação para este trabalho.

Vimos nesses estudos que a brinquedoteca é uma importante ferramenta de intervenção junto à criança e o adolescente hospitalizado, pois permite de uma forma mais lúdica, que os mesmos prossigam estimulando seus aspectos cognitivos, motores, sociais, lúdicos e afetivos durante a hospitalização.

Entretanto, é necessário que se tenha a compreensão de que essas intervenções nas brinquedotecas não são meramente ativistas, mas que partem de um projeto que visa também formar pessoas preocupadas com o outro, ou seja, pessoas politizadas. A

educação no hospital é um ato político, pois é uma ação de humanização e emancipação das pessoas. Portanto, a prática nas brinquedotecas não se deu apenas pelo brincar pelo brincar, e sim o brincar de uma forma que levem as crianças e adolescentes a refletirem sobre suas vidas e se sentirem reconfortados nesse ambiente.

CONCLUSÃO

As crianças e os adolescentes hospitalizados continuam seu processo de desenvolvimento nas instituições hospitalares, mesmo que de forma limitada. As análises realizadas sobre a necessidade de profissionais que atuem junto as crianças e os adolescentes hospitalizados evidenciaram positivamente que estão ocorrendo inquietações sobre tal temática, não só na área da Pedagogia, mas também em outras áreas da Saúde e Ciências Humanas.

Evidenciamos, por meio das análises dos artigos, um aspecto desfavorável em relação à Educação Física. Foi possível perceber que, outras áreas utilizam de métodos que a Educação Física utiliza enquanto área científica, como por exemplo: a Psicologia e a Terapia – Ocupacional que utilizavam o lúdico, as brincadeiras como estratégia para conhecer, interagir e promover o desenvolvimento das crianças e adolescentes. Entretanto, a maioria dos profissionais de Educação Física desconhecem as múltiplas possibilidades e oportunidades para suas práxis pedagógicas no hospital.

Conseguimos identificar nas práticas concebidas pelos diferentes autores da revisão de literatura uma preocupação de suma importância com processo contínuo de desenvolvimento e formação das crianças e adolescentes hospitalizados, fazendo com que os mesmos pudessem tornar aquelas situações de desconforto, estresse e medo em situações mais tranquilas. Os trabalhos permitiram assim uma melhor compreensão dos problemas vividos na sua situação das pessoas hospitalizadas.

Há de se levar em consideração em nossa análise que os profissionais necessitam de ter uma melhor formação para atuarem com esses indivíduos, bem como conhecer essa área de atuação das brinquedotecas que é o atendimento de crianças e adolescentes hospitalizados, em especial os que estão em formação na área de Educação Física para uma melhor compreensão e atuação junto à criança e o adolescente hospitalizado. Entretanto, é necessário que, da parte do corpo administrativo e dos profissionais que atuam com intervenções médicas no hospital, exista uma maior aceitação e apoio a todos os profissionais que atuem com essas crianças e adolescentes. Também se faz necessário uma integração entre as diferentes áreas e profissionais que atuam dentro das brinquedotecas, classes hospitalares e recreação terapêutica e hospitalar.

Dessa forma, podemos considerar que a recreação terapêutica, recreação hospitalar, a brinquedoteca hospitalar e a classe hospitalar são campos de atuação que auxiliam a educação regular. Embora os currículos e as práticas sejam mais flexíveis, esses trabalhos são legítimos de atuação de diferentes professores e profissionais e que colaboram para um melhor desenvolvimento no processo de aquisição do conhecimento de crianças e adolescentes hospitalizados.

Nas análises pudemos diagnosticar que as publicações estiveram concentradas nas seguintes Instituições de Ensino Superior: Universidade Federal de Santa Catarina – (UFSC); Universidade Estadual Paulista – (UNESP); Universidade Caxias do Sul – (UCS); Centro Universitário (UNIFAFIBE); Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – (FAMERP); Universidade Estadual Paulista/ Universidade de São Paulo – (UNIFESP/USP); Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG).

É evidente que há uma grande carência nos estudos e apoio de diferentes áreas em relação à atuação dentro dos hospitais, e se faz necessário um maior aprofundamento

do lúdico para então compreendermos de fato a real necessidade de diferentes profissionais para as crianças e adolescentes hospitalizados.

Evidenciamos que os estudos realizados nas publicações analisadas vão para além das brinquedotecas e permeiam o campo da classe hospitalar, recreação hospitalar e recreação terapêutica, e que se faz necessário superar as divisões como recreação terapêutica, recreação hospitalar, brinquedoteca hospitalar e classe hospitalar, e buscar estratégias políticas e humanas para a melhoria dos trabalhos.

REFERÊNCIAS

ANGELO, T. S; VIEIRA, M. R. R. Brinquedoteca hospitalar: da teoria à prática. **Arq. Ciência e Saúde**, v.17, n. 2, p. 84-90, abr/jun, 2010.

BARROS, A. S. S. e. Contribuições da educação profissional em saúde à formação para o trabalho em classes hospitalares. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 27, n. 73, dez. 2007.

BECARO, A. B; DELLALIBERA-JOVILIANO, R. Recreação Hospitalar na pediatria: uma proposta pedagógica. **Revista EPeQ Fafibe**, Bebedouro, v.01, p. 91-101, 2011.

BRASIL, Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos **Lei nº 11.104** de 21 de março de 2005 (BRASIL, 2005), que dispõem sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regimento de internação. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm. Acesso em: 30 out. 2013.

CASARA, A; GENEROSI, R. A; SGARBI, S. A recreação terapêutica como forma de intervenção no âmbito hospitalar. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 12, n. 110, jul.2007.

CECCIM, Ricardo B. Classe hospitalar: encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar. **Pátio**, ano 3, n. 10, p. 41-48, ago/out., 1999.

INVERNIZZI, L. Educação Física em Classe Hospitalar: práticas, propostas, desafios. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 34-44, mar.2010.

JURDI, A. P. S; AMIRALIAN, M. L. T. M. Ética do cuidado: a brinquedoteca como espaço de atenção a crianças em situação de vulnerabilidade. **Interface, (Botucatu)**, v.17, n.45, p. 275-285, abr/jun, 2013.

OLIVEIRA, L. D. B. *et al.* Brinquedoteca hospitalar como fator de promoção no desenvolvimento infantil: relato de experiência. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v.19, n. 2, p. 306-312, 2009.

PADOVAN, D; SCHWARTZ, G. M. Recreação hospitalar: o papel do profissional de educação física na equipe multidisciplinar. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 4, p. 1025-1034, out/dez, 2009.

PAULA, E. M. A. T; FOLTRAN, E. Brinquedoteca Hospitalar: direito das crianças e adolescentes hospitalizados. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v.3, p.22-25, 2007. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/viewFile/3828/2707>. Acesso em: 28 abr. 2015.

PAULA, E. M. A. T. **A Universidade e a experiência em educação no contexto hospitalar:** formação profissional e humana. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/PA-551-12.pdf>. Acesso: 04 fev. 2014.

PAULA, E. M. A. T.; *et al.* **A brinquedoteca e a escola no hospital:** espaços diferenciados que se complementam. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-384-12.pdf>. Acesso: 04 fev. 2014.

PICHETTI, S. A; SANTINI, H; TRENTIN, D. T. Recreação terapêutica: visão da equipe multidisciplinar da unidade de pediatria de um hospital da Serra Gaúcha. **DO CORPO: Ciências e Artes, Caxias do Sul**, v.1, n.1, p. 1-15, jul/dez, 2011.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E.M. **Metodologia de pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005, 138p.

VASCONCELOS, M. S; ABRÃO, J. L. F; GOMES, V. S. Brinquedoteca móvel: o brincar interativo na hospitalização infantil. **Revista Ciência em Extensão**, v.6, n.1, p. 5-18, 2010.

VAZ, A. F; *et al.* Educação Física em Classe Hospitalar: notas sobre uma experiência com uma turma de primeiros anos do ensino fundamental. **Cadernos de Educação [FaE/PPGE/UFPel]**, Pelotas, v.33, p.167-184, mai/ago, 2009.

VAZ, A. F; VIEIRA, C. L. N; GONÇALVES, M. C. Educação do corpo e seus limites: possibilidades para a Educação Física na classe hospitalar. **Movimento**, Porto Alegre, v.11, n.1, p.71-87, jan/abr, 2005.

WUO, A. E.; BURNIER, L. O. O clown no hospital. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE PSICOONCOLOGIA, 3. ,1996, São Paulo, **Anais...** São Paulo, 1996. p. 101-106.

Endereço dos Autores:

Lucas Tagliari da Silva
Avenida Doutor Mário Clapier Urbinati, 724, Bloco - D, Apartamento 05
Conjunto Habitacional Maringá
Maringá - Paraná - 87.020-260
Endereço Eletrônico: lu.cas.ts@hotmail.com

Ercília Maria Angeli T. de Paula
Rua Manoel de Macedo, 274, Apartamento 402
Edifício Mário de Andrade, Zona 7
Maringá - Paraná - 87.020-240
Endereço Eletrônico: erciliaangeli@yahoo.com.br